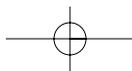
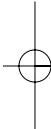
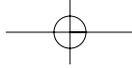


## 1

## No liceu

Quando eu andava no liceu tive uma professora que era a doutora Vitória. O liceu agora já não se chama liceu, mas acho que vocês sabem o que é que o liceu era. Aquilo que a doutora Vitória nos ensinava se calhar também já não tem o mesmo nome. O tempo passa muito depressa e nós nem damos por nada. Depois, um dia, quando menos esperamos, reparamos que estamos

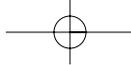
mais altos e que temos a voz mais grossa. E toda a gente à nossa volta, quando nos vê passar na rua, acha que somos pessoas crescidas. Então olhamos para trás e percebemos que já lá vão muitos anos, já estamos vivos há imenso tempo, e já nada no princípio parece ser como foi connosco, quando éramos nós que íamos no princípio. Eu sei que, por fora, as coisas estão sempre a mudar. Mas também já percebi que, por dentro, as coisas são sempre mais ou menos as mesmas. É por isso que gostava de contar-vos a história da doutora Vitória.



## 2

## Num mundo muito especial

Nessa altura eu tinha dezasseis anos e usava o cabelo muito curtinho. Andava sempre de calças, e ficava toda vaidosa quando as pessoas que não me conheciam pensavam que eu era um rapaz. Vocês ainda não passaram por isso, mas eu já, e garanto-vos que esta é uma das tais coisas que nunca mudam: quando temos dezasseis anos vivemos dentro de



um mundo muito especial. Não interessa nada se somos ricos ou pobres, da cidade ou do campo, portugueses ou es-  
quimós, pretos ou brancos ou às riscas. No mundo inteiro, em todas as línguas, acontece-nos sempre o mesmo. Chegamos a uma certa idade e de repente parece que não conseguimos entender-nos com ninguém que não tenha exactamente a mesma idade que nós.

